CARTA DE ALFORRIA

Anuncio a todos o sexto e sétimos números da Revista Vernáculo! Toquem a corneta! Três anos de vida...

Venho para fazer não somente o papel de apresentador de mais um número de um periódico científico, não somente para agradecer pelo que já foi e provocar o que gostaríamos que fosse, mas também para rememorar aquilo que queremos que permaneça.

O momento é oportuno. O processo de renovação daqueles que executam a revista efetiva-se no presente número. Novas pessoas, novos ares, diferentes olhares assumem a direção da Vernáculo, com a missão de traçar os rumos a serem seguidos.

Prendo-me a este momento, do bem-vindo para uns e do adeus para outros, para falar um pouco sobre aquela da qual me despeço.

Poucas pessoas irão se lembrar de um pequeno folhetim intitulado de *Cesariana*. Talvez somente aqueles que o produziram, talvez um pouco mais. Entre um desses estava um estudante de História que questionava sobre a viabilidade de publicar artigos voltados para a pesquisa histórica no pequeno folhetim. Não cabia à Cesariana esse perfil: três folhas de sulfite, leitura rápida, digestão confusa e momentânea. Contudo, daquele bate papo no antigo Roxinho, concebe-se o projeto de um espaço para a divulgação das produções de saber dos acadêmicos, uma revista feita por e para estudantes. Nomes são sugeridos para participar dessa empreitada e dá-se início a construção da Revista Vernáculo. Em Abril de 2000 aquele estudante questionador assina o editorial do primeiro número da revista.

Constituir esta revista nunca foi tarefa fácil. A estrutura financeira depende diretamente do empenho daqueles que correm atrás de patrocinadores e também da árdua tarefa de vendê-las de mão em mão. Obter os textos responde aos contatos que estabelecemos e nutrimos perante o conjunto de estudantes que tem algo para mostrar. Significa dizer que precisamos manter canais de comunicação abertos em todos os espaços possíveis, mais do que isso, interagir com aqueles que enviam textos. Ponto delicado, pois a relação entre a teoria e a prática, isto é, entre a definição ideal de como selecionaríamos os textos passíveis de serem publicados e a realização de tal seleção, revelava a dificuldade de concretizar o embate de idéias. É bem mais fácil apenas discutir sobre a questão e encerrar uma reunião sem nada decidir, mas tal prática modificou-se no momento que pesou sobre os nossos ombros a responsabilidade de publicar ou não o texto de um *outro*. Este *outro* cobrava a nossa posição sobre o que escreveu, e a revista – os leitores – cobrava o que estávamos publicando.

A seleção de textos foi para mim uma experiência rica para vivenciar o exercício de dizer sim ou não a um texto, de lidar com a responsabilidade de tal ato e de testar a ética que tanto cobramos dos outros, mas que muitas vezes não exercemos em nossos próprios atos. Graças a Deus, a Revista Vernáculo, aos meus olhos, nunca assumiu um posicionamento que não fosse coerente com a ética que a norteava. Mas vivenciei outros episódios em outros espaços universitários – nas salas de aula, nos corredores, nas salas de reunião de alunos e de grupos de pesquisa – que precisam ser exorcizados. Porém, não darei o nome aos bois, não precisa, não é justo, passou-se o tempo. Contudo, fica o mais importante, pelo menos para mim, o aprendizado do qual compartilho com vocês.

Muitas vezes o que vemos é a defesa de opiniões fundamentadas em valores éticos, contudo, quando é necessário assumir uma posição, aquelas palavras pronunciadas de forma tão belas e firmes são conscientemente esquecidas, talvez em prol de interesses particulares, talvez por medo de alguma coisa que pode acontecer no futuro. O medo engessa. Não nos iludamos, não fiquemos escondidos em especulações. Está na hora de agir e de agir com responsabilidade e pautado na ética. Ação por atos ou por palavras, não importa, mas que atuemos de forma a darmos o exemplo daquilo que pregamos.

Uma grande historiadora, ao falar de um grande historiador, disse alguma coisa que eu entendi assim: o passado nos aprisiona até o momento em que o compreendemos.

Agora, sinto-me livre. Grande abraço e até mais.

Victor Augustus
Julho de 2003